

A periferia na centralidade: a resistência da exclusão

Gualberto Luiz Nunes Gouvêia*

SILVA, Sidney Antonio da. **Virgem / Mãe / Terra – Festas e Tradições Bolivianas na Metrópole**. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 2003, 263 p.

A cidade de São Paulo é conhecida pela grande variedade de povos que a compõe. Essa variedade fez de São Paulo uma das capitais da gastronomia mundial em virtude dessa população multifacetada. Esses grupos reafirmam sua identidade de diversas maneiras, entre elas, com suas feiras e festas tradicionais. *Achiropita*, *San Gennaro* são festas tradicionais dos italianos amplamente conhecidas pela população e, aos domingos, temos a feira de alimentação e artesanatos japoneses na Liberdade. São festas e feiras amplamente conhecidas pela população e sempre ganham destaque na mídia. Trata-se de grupos já inseridos no modo de ser paulistano com colônias enraizadas e que tiveram descendentes galgando postos de destaque na coletividade de São Paulo. Existem, porém, outros grupos. Também com suas festas, suas feiras, sua identidade. Não ganharam o destaque que outros grupos já ganharam, pelo contrário, na maioria das vezes são vistos com desconfiança e, quando observados na Rua 25 de Março ou na Santa Efigênia com suas mesinhas dobráveis correndo do “rapa” na tentativa de salvar suas mercadorias, parecem carregar também o peso da indiferença social e do estranhamento. Dessa maneira, as festas e feiras da Praça Kantuta, em pleno bairro do Canindé, não tem a mesma aceitação social que as primeiras mencionadas.

O livro em questão trata exatamente do resgate da identidade desses imigrantes bolivianos, tão afeitos à terra e tão estranhos a

* Doutor em Ciências Sociais e Religião, Professor da UNICAPITAL e pesquisador do GP REPAL da Universidade Metodista de São Paulo.

esse emaranhado tecido urbano. A pergunta central que o autor coloca é “Se a terra já não garante mais a reprodução da vida dessas pessoas, então poderíamos dizer também que todo o sistema de crenças que dá sentido às suas vidas perderia igualmente o seu valor?” (p. 241).

O trabalho é uma continuidade do tema desenvolvido em sua dissertação de mestrado e que serviu de base para uma denúncia da Folha de São Paulo sobre as condições dos imigrantes bolivianos em São Paulo, abordando sua ilegalidade e sua condição de trabalhador superexplorado.

Morando em condições precárias nas regiões centrais na maior capital da América do Sul, sabem o que é ser periferia estando geograficamente no centro. Esse sentimento de abandono os obriga a articular formas de sobrevivência e resistência e, nesse sentido, as festas e o culto em torno de *Pachamama* (Mãe Terra) ganham destaque e são o fio condutor do trabalho em questão.

O texto procura demonstrar o significado das festas em um contexto de estigmatização social, destacando-se alguns rituais e símbolos da cultura material veiculados por elas.

O método de abordagem adotado pelo pesquisador foi o da observação participante, uma vez que o autor é membro da Pastoral dos Migrantes. Assim, optou por buscar a colaboração de uma assistente de pesquisa para averiguar possíveis tensões que a ele ficariam ocultas em virtude de sua posição de poder. Esse caminho adotado impõe algumas dificuldades que Sidney Antonio da Silva soube superar.

A primeira, referente à aceitação pelo grupo, foi superada em virtude de seu trabalho anterior e sua inserção na comunidade. O autor participava das festas e chegando mesmo a dançar em algumas. Assim, uma segunda dificuldade, que poderia ser o desconhecimento das hierarquias de poder e da tessitura social, também foi deixada para trás. Se tomarmos como paradigma o clássico da observação participativa, *Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana*, de William Foote Whyte, veremos que o pesquisador soube vencer as dificuldades impostas por esse método absolutamente apaixonante e complexo, inclusive no tocante à devolução dos resultados, uma vez que ele próprio faz parte do cotidiano dessa comunidade pela sua prática profissional. Dessa maneira, o trabalho já surge como referência no campo de pesquisa como exemplo bem acabado de um método de trabalho.

O principal referencial teórico, mas não único adotado neste trabalho que ultrapassa o etnocentrismo, foi o do antropólogo inglês nascido na Polônia, Bronislaw Malinowski, um dos primeiros pesquisadores a sublinhar a necessidade de ir ao campo e de participar na vida dos grupos para melhor lhes penetrar os segredos. Ele soube desafiar aqueles que só estudavam os “primitivos” à distância da sua educação de europeu. Sidney Antonio da Silva, por sua vez, também soube fazer um trabalho onde é possível perceber a paixão do pesquisador, sua inserção na comunidade, sem, no entanto, perder o referencial que dava sentido a sua presença naquele campo de trabalho.

O trabalho aborda, de início, os imigrantes em São Paulo, particularmente os bolivianos. Entre os diversos aspectos abordados, chama a atenção o processo de organização por que passa esse grupo para vencer a fase da indocumentação. Uma das dificuldades para se buscar o documento de legalização por meio da anistia é o fato de que, na situação em que se encontram, com trabalho precário no ramo da costura, não conta muito possuir ou não a legalização documental, uma vez que a lógica desse ramo é justamente a da informalidade, da desregulamentação. Essa situação não interfere no sonho desses trabalhadores de buscarem mobilidade social e econômica possuindo a própria oficina de costura. Ainda assim, segundo dados da Polícia Federal, o maior número de anistiados tem sido o dos bolivianos, seguidos pelos chineses e pelos libaneses em 1998. Aqueles que têm algum tipo de formação mais qualificada também enfrentam a desconfiança social, como no caso dos médicos bolivianos que encaram a disputa do mercado de trabalho com brasileiros, mas em situação inferior, pois precisam primeiro reconhecer seu diploma de médico junto ao Conselho Regional de Medicina, o que não é tarefa fácil. Quando o conseguem, vão trabalhar, na maioria das vezes, em pequenos hospitais da periferia onde os doentes não costumam questionar a origem étnica dos médicos.

Neste situar dos imigrantes bolivianos em São Paulo, o autor coloca em destaque a participação da Pastoral do Migrante inspirada no bispo de *Piacenza* (norte da Itália), que teve a iniciativa de criar uma congregação de sacerdotes para assistir os imigrantes italianos do outro lado do mundo. Surgiam assim os Missionários de São Carlos que tinham como lema uma frase de seu fundador: “para o migrante a pátria é a terra que lhe dá o pão”. A pastoral, assinala o autor, tem como seus objetivos, criar espaços para promover a

integração da fé dos migrantes, resgatando sua cultura e afirmando sua cidadania. Para tanto, a Pastoral oferece, entre outros serviços, assessoria jurídica, auxílio na documentação, resolução de problemas trabalhistas, entre outros.

A Pastoral ganha maior importância ainda quando se abre para as manifestações chamadas de “piedade popular” ou “catolicismo rústico” onde, de acordo com as diretrizes das Conferências de *Medellin* e *Puebla*, tem-se buscado a conquista da utopia da “terra prometida”, a cidadania seria exercida por todos e para todos. Devemos nos lembrar que o texto foi publicado em 2003 e que, de lá para cá a Igreja Católica mudou muito sua orientação, para um fervor mais carismático e vigilante, mas permanece a oferta de uma identidade possível a partir do reconhecimento de seu lugar.

É sabido que o lugar é a segurança e o espaço é a liberdade. Estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Como dizia Doroty em *O Mágico de Óz*, não há lugar como o lar. Mas o que é o lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade, a velha pátria? É a acolhedora *Pachamama* de que nos fala o povo boliviano? O lar, a terra, para esses imigrantes é, principalmente, o lugar onde são satisfeitas as necessidades biológicas e espirituais, daí o atributo de valor. Os bolivianos em São Paulo se articulam com suas festas e suas manifestações culturais para garantir que sua identidade, seu lugar possam ser minimamente reconstruídos e, desta maneira, experimentar a sensação de pertença. Lembro aqui do geógrafo Y Fu Tuan, para quem a experiência é constituída de sentimento e pensamento. Para ele, a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no mutante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento. Os bolivianos exprimem seu sentimento e vivenciam o lugar por meio de suas festas que ganharam espaço e respeito na Pastoral, ainda que esse abrigar também tenha, certamente, um aspecto de vigilância para apreensão dos mecanismos hierárquicos de poder no seio da comunidade bem como suas formas articuladas de devoção. Neste sentido o autor poderia fazer uma abordagem foucaultiana que esclarecesse melhor este aspecto.

Ao tratar do ciclo de festas dos imigrantes bolivianos o autor, ao mesmo tempo em que demonstra como se reconstrói a identidade dos imigrantes, nos convida a uma viagem digna de um romance de Gabriel Garcia Marques e seu realismo fantástico. São festas maravilhosas onde o devocional ganha um caráter mágico pela junção

das culturas e tradições incas com o catolicismo colonial. O mês de agosto, particularmente, é especialmente importante para as devoções em honra da Virgem Maria, sob as advocações de Copacabana e *Urkupiña*. Não por acaso, é também o mês em que os camponeses bolivianos fazem suas oferendas a *Pachamama* por meio das mesas rituais como uma forma de pagamento adiantado pelos frutos que se espera colher da Mãe Terra.

As festas possuem também um caráter de reciprocidade e companheirismo, e aí se destacam a festa do batismo e a do primeiro corte de cabelo. São as que ocorrem com maior frequência e que explicitam a dualidade das crenças católicas e incaicas. Outra festa muito interessante é a de finados quando os bolivianos fazem verdadeiros piqueniques atraindo olhares que estranham aquela movimentação inusitada. Tais manifestações, fica claro no trabalho, não devem ser vistas como exóticas, mas manifestações complexas de um povo que resiste e luta pela manutenção de sua identidade.

O autor não se focou apenas na percepção da devoção dos bolivianos em São Paulo. Foi até a Bolívia para perceber, de um lado e de outro, a origem e transmutação da crença. Neste capítulo o autor desvenda a complexidade do culto a *La Pachamama* e seu caráter, muitas vezes, ambíguo e a transformação da Virgem de *Urkupiña* em Virgem da Integração Nacional, assumindo fiéis da de Copacabana.

Por fim, o autor consegue demonstrar que a *Pachamama* e a Virgem continuam exercendo sua função mediadora entre os devotos e uma Divindade maior, porém, no contexto urbano, a terra se reduz à casa, lugar da moradia e do trabalho, ainda que em condições precárias. Dessa maneira, o lar é a representação material e simbólica da *Pachamama*, porque é nela ou em vista dela que se ganha a vida. A casa é o lar do exilado que a reconstrói com seus símbolos de origem tornando-os uma lembrança viva de uma felicidade ausente. Segundo o autor, “o imigrante vive um duplo pertencimento, entre a casa daqui e a de lá”. Aos poucos vai construindo seu bem estar e vai ficando, sonhando em mandar seu filho estudar lá nos altiplanos bolivianos. Um sonho para poucos, ainda.